

Cultura Festival consolidou-se no panorama nacional



O Anrajjazz celebrou 25 anos e já olha para o futuro

Para assinalar o aniversário, o festival açoriano alargou a programação para oito concertos que mostraram nos últimos dias a amplitude do jazz contemporâneo

Reportagem

Numo Catarino

Fundado em 1999, o festival de jazz de Angra do Heroísmo consolidou-se como um dos grandes festivais nacionais. Com uma programação consistente ano após ano, aposta numa mescla estilística que cruza projectos inovadores de jazz contemporâneo com outros que olham para a tradição do jazz. Para assinalar a 25.ª edição do Anrajjazz, que terminou antecorrem no Centro Cultural e de Congressos, a programação foi alargada para oito concertos e, entre diferentes abordagens, o festival açoriano mostrou a amplitude do jazz da actualidade.

Com direcção de Pedro Moreira e Claus Nymark, a Orquestra

Anrajjazz tratou de inaugurar esta edição histórica do festival, na noite de quarta-feira. Em palco, a orquestra começou por interpretar *Moon river*, entrando depois o convidado Perico Sambeat. Com a orquestra, o saxofonista espanhol deu vida a temas como *A sleepin' bee*, *In your own sweet way* e *Chelsea bridge* — particularmente nesta peça ellingtoniana, Perico exibiu toda a doçura do seu som, envolvido pela orquestra. Com desenvoltura, esta trabalhou interpretações irrepreensíveis, exibindo sobretudo uma boa dinâmica colectiva; o som fluído do saxofone alto de Sambeat acrescentava elegância a cada tema.

A noite prosseguiu com o quarteto de Camilla George, saxofonista nascida na Nigéria (Eket) e radicada em Londres. O concerto arrancou com *Tupples the*

land turtle e o repertório passou sobretudo pelo material do álbum mais recente, *Ibó-Ibó*. Se em disco há ideias interessantes, ao vivo a performance não funcionou particularmente bem. No saxofone, George mostrava poucas ideias e ia repetindo as mesmas soluções; baixo eléctrico (Jihad Darwish), teclas (Renato Paris, também no *scat*) e bateria (o português Zoe Pascal) davam estrutura, com competência, mas sem brilho. Apesar de alguns bons momentos, a actuação nunca chegou a descolar.

O segundo dia de concertos abriu com um espectáculo raro, o reencontro em palco de Mário Laginha e João Paulo Esteves da Silva. Os pianistas colaboraram no início das suas carreiras, há mais de 30 anos, e desde então foram seguindo caminhos diferentes. A convite da organização, voltaram a

actuar juntos, concretizando um momento histórico.

Com dois pianos Steinway a quatro mãos, a actuação começou com um original de Esteves da Silva, *Samba leve*, e seguiu-se uma preciosa interpretação da popular *Mack the knife*. Com personalidades musicais próximas, mas vozes distintas, os pianistas entrelaçaram-se no desenvolvimento dos temas, num processo em que iam alternando papéis, entre harmonia e melodia, completando-se. Mais importante do que acompanhar quem fazia o quê a cada momento, era o som que nascia dos dois pianos unidos numa massa única, em perfeita ligação. Ouvia-se o inédito *Adeus, América*, original de Esteves da Silva composto em homenagem a Keith Jarrett — que, como confirmaram, é um "mestre" para ambos. Seguiram-se os temas

Joãoim Rek e Fado choro, ambos de Laginha; e, com a tensão rítmica, o público fica suspenso na vertigem nervosa das teclas dos pianos.

O momento mais alto da noite chegou com a interpretação de *Olhos negros*, tema tradicional da ilha Terceira, com a dupla a aprofundar os ângulos da melodia, resultando numa gloriosa ovação. Para fechar, os pianistas guardaram dois dos seus temas mais notáveis: *Certeza*, de Esteves da Silva ("o maior standard do jazz português", nas palavras de Laginha), e, apropriadamente, *Despedida*, de Laginha, que ficou a ecoar na sala. A ovação em pé confirmou o sucesso deste marcante reencontro de duas figuras maiores da música portuguesa.

Seguiu-se Catherine Russell, cantora veterana (n. 1956) que trouxe consigo um conjunto de canções de jazz e blues de matriz clássica (do período 1920-50). Esteve acompanhada por uma banda inatacável (Roy Dunlap no piano, Tal Ronnen no contrabaixo e Domo Branch na bateria) e passou por temas como *We, the people*, *Send for me*, *Did I remember* e *Alin't that love*, entre muitas outras. O trio instrumental fornecia um tapete rítmico e harmónico com *swing*, sobre o qual a voz navegava, com garra e alma, num olhar vivo para o passado.

Entre Nova Iorque e Gaza

Um dos concertos que geravam mais expectativa era a actuação do trio de Vijay Iyer, que decorreu na sexta-feira. O pianista editou este ano o disco *Compassion* e foi aí buscar boa parte do repertório, repescando também material de *Uneasy* (2021). Apresentou-se acompanhado por Nick Dunston no contrabaixo e Jeremy Dutton na bateria e mostrou a sua música original desenvolvida de forma criativa: vive num processo estruturado de evolução, de transformação pela junção dos contributos individuais.

O piano de Iyer assume uma certa angularidade, nunca se mostrando demasiado claro, mas não perde o foco e acaba por retornar aos motivos depois de cada longa viagem. No final, interpretou um tema mais delicado, *Kite*, com dedicatória ao poeta palestino Refaat Alareer, que morreu em Dezembro durante um bombardeamento de Israel em Gaza. Após o tema, Vijay Iyer despediu-se apelando à compaixão. O pianista regressa a Portugal na quinta-feira, para o *Seicalljazz*.

Também de Nova Iorque, chegou de seguida o Nebula Project, septeto de Ben Rosenblum. As composições engenhosas, com muitas ideias e arranjos muito

estruturados, servem de ignição à qualidade dos músicos. Instrumentalmente, Rosenblum alternava entre o acordeão (com aroma francês) e o piano (cristalino), conduzindo um septeto que ia construindo interpretações imaculadas. Cada música explorava ambientes muito diversos, passando por diferentes regiões (Irlanda, Bulgária, África Ocidental ou Cuba); o único não original foi um curioso arranjo de Sabá, de Jobim, em versão forró. Há um problema: com uma amplitude tão vasta de universos, não se percebe onde está ancorada a essência deste projecto.

Um festival que é uma escola
Para a última noite ficou reservada a actuação do Ricardo Toscano Quarteto com o Ensemble AH, um grupo de músicos locais, para a reinterpretação do clássico *Bird with strings*. Juntos, deram vida a temas como *They can't take that away from me*, *I'm in the mood for love*, *Summertime* ou *Laura*. Bem alinhados, secção rítmica e ensemble criaram a base rica sobre a qual o saxofone alto de Ricardo Toscano se libertou,



João Paulo Esteves da Silva e Mário Laginha protagonizaram um reencontro raro; em cima, a veterana Catherine Russell

Nos últimos anos, a direcção do Anraajazz tem tido mais dificuldade com os apoios regionais

sempre com imaginação. O encontro resultou feliz.

A encerrar o festival, uma formação designada Anraajazz Legacy Quintet. Inicialmente estava prevista a actuação do projecto Generation Y, liderado por Ulysses Owens Jr., mas o baterista acabaria por cancelar e a organização decidiu manter o resto do grupo (Anthony Hervey no trompete, Tyler Bullock no piano e Thomas Mikovac no contrabaixo), convidando outro baterista em substituição, Charles Gould. E

juntou-se-lhes o saxofonista italiano Francesco Cafiso, músico que já iria participar como convidado da formação original. Entre alguns temas originais e muitos clássicos (destaque para a revisão de *Caravan*), o quinteto revelou um hardbop energético, bem trabalhado, para um término entusiasmado.

Em paralelo, o festival promoveu ainda o ciclo Jazz na Rua, com concertos de grupos de músicos locais em diversos espaços da cidade, bem como *jam sessions* informais que contaram com a participação de vários músicos que passaram pelo palco principal.

Miguel Cunha, da direcção da Associação Cultural Anraajazz, entidade organizadora, faz um balanço muito positivo destes 25 anos, destacando a criação de público. "Essa era a nossa primeira preocupação e nós vemos que o público vai, as salas estão geralmente lotadas, e as pessoas, podendo não conhecer tudo o que propomos, têm confiança na programação." Outro dos marcos desta história é a Orquestra Anraajazz: "Temos grande orgulho na nossa orquestra, que este ano celebra 22 anos, e que tem funcionado como a principal

escola de jazz na região."

Contudo, nos últimos anos a organização tem tido mais dificuldade com os apoios das direcções regionais do Turismo e da Cultura: "As coisas têm sido mais complicadas. Todos os anos temos de fazer um processo muito burocrático de candidatura, como se fosse a primeira vez, e ser julgados por um júri que se baseia numa grelha de avaliação obsoleta e que distorce a realidade." O Anraajazz queixa-se dos prazos de resposta e de disponibilização de verbas, bem como da diminuição do valor do apoio: "Para criar mais cultura não se pode ter sempre o mesmo orçamento, que cada vez parece mais pequeno, e querer apoiar mais projectos. Tem de haver uma diferenciação, se não estamos a nivelar por baixo."

Apesar das incertezas, o Anraajazz olha para o futuro. Conforme informou José Ribeiro Pinto, também membro da direcção da associação, no seu discurso final, a edição de 2025 já tem datas e está apontada para os dias 2, 3 e 4 de Outubro.

O PÚBLICO viajou a convite do Anraajazz

22 OUTUBRO
CASA DA MÚSICA
PORTO

JOSÉ JAMES

RÁDIO 98.9
NOVA
35
ANOS
CONTINENTE